

UM DIÁLOGO ENTRE OCIDENTE E ORIENTE

Marco Catalão

Universidade Estadual de Campinas / FAPESP

Resumo: Entrevista realizada em agosto de 2011 com a professora Laura Cerrato, em que se debatem alguns elementos da poética do escritor argentino Roberto Juarroz (1925-1995), especialmente sua relação com o Budismo e a tradição oriental.

Palavras-chave: Roberto Juarroz. Poesia argentina. Haikus. Budismo

Temperley é uma cidade tranquila, com ruas arborizadas e casas antigas, nos arredores de Buenos Aires. Demoro cerca de uma hora para chegar à cidade, e meia hora para encontrar, em meio ao labirinto de ruazinhas muito parecidas, a rua Tomas Guido, de que quase ninguém por aqui parece ter notícia, e onde certamente ninguém imagina que um dos maiores poetas argentinos tenha vivido e morrido.

Sou recebido por Laura Cerrato, a “companheira insubstituível” de Juarroz durante mais de quarenta anos, numa sala com estantes abarrotadas, de onde entrevejo outro cômodo igualmente tomado pelos livros. A conversa, que se iniciou por e-mail, continua naturalmente, como se a intimidade proporcionada pela poesia anulasse as discontinuidades do tempo e do espaço.

Marco Catalão (MC): Em seu livro *Ensayos sobre poesía comparada*, publicado em 1980, a senhora analisa a influência do haiku na poesia americana da segunda década do século XX. Juarroz certamente terá lido seu ensaio e era também um leitor da poesia americana contemporânea. Em que medida ele conhecia os haikus clássicos? Esse conhecimento se deu através dos autores americanos e franceses, ou por meio de hispano-americanos como Tablada e Paz?



Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/).

Laura Cerrato (LC): Fiz as primeiras traduções de haikus em língua espanhola no fim dos anos 50 (ver *Poesía = Poesía 5*, 1960), a partir da coleção de Blythe e da antologia de Henderson, que trazia o original e uma tradução *mot à mot*, com indicação de matizes japoneses, além do vocabulário. As traduções de Paz, acho que são posteriores, e as de Tablada talvez Roberto as tenha lido. Quanto às traduções francesas, nós as conhecemos depois.

MC: Haveria, entre os poemas inéditos de Juarroz, algum haiku?

LC: Não me lembro de haikus escritos por Roberto.

MC: É possível precisar em que momento Juarroz começou a se interessar pela cultura oriental, e particularmente pelo Budismo?

LC: Como disse antes, entre o fim dos 50 e o início dos 60.

MC: O contato com o Budismo se deu exclusivamente através dos livros, ou houve em algum momento algum tipo de prática (meditação, práticas físicas como o *tai chi*, visita a templos)?

LC: O contato com as culturas orientais, não apenas com o Budismo, mas também com o Hinduísmo e Lao Tse, se deu através dos livros. As visitas a templos ocorreram muito depois. Foi muito importante a coleção Asoka, da editora Paidós, com suas traduções de textos páli.

MC: Em alguns ensaios e entrevistas, Juarroz cita *kōans*. Há em sua biblioteca alguma coleção específica dessas narrativas, ou elas teriam sido retiradas fundamentalmente dos livros de D. T. Suzuki?

LC: Foram principalmente os livros de Suzuki, que lemos em inglês e em espanhol, e a *Introduction to Zen Buddhism*, traduzida por Asoka (acho que o tradutor foi Kazuya Sakai).

MC: A possibilidade de contato mais pleno com o real, com uma menor mediação conceptual, é um dos elementos valorizados por Juarroz no Zen. Esse mesmo tipo de experiência aparece na descrição que ele faz de Antonio Porchia. Podemos afirmar que Porchia representou para Juarroz uma espécie de *corporificação* do Zen numa situação concreta e contemporânea?

LC: Mais que uma "incorporação", se trataria de uma experiência ocidental muito próxima do que o Budismo podia representar naquele momento para Roberto.

MC: A imagem do vazio, que está no centro da poética de Juarroz, é muito importante também na obra de Porchia. Em que medida podemos pensar numa "transmissão do vazio" (semelhante à descrita nos encontros entre mestre e discípulo da tradição budista) no contato entre os dois escritores?

LC: Não saberia lhe dizer se foi uma transmissão ou uma coincidência. Claro, Roberto considerava a Porchia como seu mestre. O encontro com um mestre é, igualmente, uma tradição ocidental.

MC: Todos os que conviveram com Porchia dizem que o encontro com ele tinha algo de diferente...

LC: Sim, porque ele era diferente. A começar, porque era de uma humildade absoluta. Não se importava com "questões literárias" ou com estudos que se fizessem sobre ele, mas procurava falar sobre as coisas mais cotidianas, como sua ida à feira... E ao mesmo tempo mantinha uma busca de algo mais profundo. Ele falava do mesmo jeito que escrevia: falava suas "vozes". E também as vivia.

MC: A unidade entre vida e filosofia é um traço fundamental do conceito de "exercício espiritual" formulado por Pierre Hadot para definir a filosofia antiga. Num dos seus livros, ele fala de filósofos romanos, como Catão, que não escreveram uma única linha, mas que eram considerados filósofos unicamente por seu modo de vida.

LC: É uma ideia muito presente no Oriente. Cioran me falou certa vez daquele “último santo hindu”, que permaneceu durante vários anos em imobilidade completa, até a morte, e de que só temos notícia porque outros escreveram a seu respeito.

MC: A concepção da poesia como *atividade transformadora* do homem é fundamental na poética de Juarroz. É possível dizer em que momento — e graças a que experiências e leituras — se formou essa concepção?

LC: Que eu saiba, esta foi para ele uma certeza desde a adolescência.

MC: Parece-lhe apropriado, nesse sentido, associar a poesia de Juarroz a um exercício espiritual?

LC: Certamente. Alguns chegaram a chamar Roberto de “poeta-filósofo”, o que ele contestava, porque rechaçava a filosofia em seu aspecto mais sistemático e doutrinário.

MC: O poeta Fernando Pessoa dizia que era um poeta impulsionado pela filosofia, não um filósofo dotado de faculdades poéticas. Talvez possamos dizer o mesmo de Juarroz.

LC: Sim. Além disso, Pessoa era um dos favoritos de Roberto.

MC: Esta é uma informação importante, porque não conheço nenhum texto de Juarroz em que ele cite Pessoa.

LC: Mas lhe interessava muito.

MC: A busca por uma linguagem que superasse o binarismo e as dualidades do pensamento convencional representa, a meu ver, uma crítica radical aos fundamentos da civilização ocidental. No entanto, essa busca se deu num campo um pouco distinto do das vanguardas do início do século. Em Juarroz, não há experimentos radicais com a sintaxe, com o léxico ou com a distribuição das palavras na página. Como nos *kōans*, estamos diante de enigmas formulados com grande limpidez. Essa aparente simplicidade não seria um dos

motivos da incompreensão (e certa indiferença) que ainda hoje parece cercar a obra de Juarroz?

LC: Não acho que fosse uma crítica aos *fundamentos* da civilização ocidental, mas sim a tudo aquilo em que esta tinha se transformado. Roberto era bem consciente de que a nossa bagagem não é oriental, e que o Ocidente também produziu instâncias de pensamento e experiência afins aos do Oriente. Também está em Suzuki, em *Mysticism: Christian and Buddhist*.

Embora Roberto conferisse uma importância primordial à linguagem, em todos os seus aspectos, não lhe interessavam muito as acrobacias verbais. Acreditava, isso sim, numa linguagem que pudesse expor o mais lucidamente possível aquilo que somos incapazes de compreender, ainda que pareça um paradoxo.

[Recebido em agosto de 2011 e aceito para publicação em outubro de 2011]

A dialog between West and East

Abstract: Interview conducted in August 2011 with Professor Laura Cerrato, which discuss some elements of the poetics of Argentine writer Roberto Juarroz (1925-1995), especially its relation to Buddhism and Eastern tradition.

Keywords: Roberto Juarroz. Argentine poetry. Haikus. Buddhism

